



Beijo
da rua

**LUTE
COMO
UMA
PUTA**

**LUTANDO COMO UMA
PUTA LUTA, ESTE JORNAL
DAS PUTAS CHEGA
AO ANO 30.
E A LUTA CONTINUA.
UMA PUTA LUTA.**

UMA PUTA LUTA. COM BEIJO DA RUA. DANDO BEIJOS NA RUA

Flavio Lenz

Quando fui convidado para editar este jornal, em 1988, caí de boca na aventura. Não podia imaginar que iria tão longe, e seguindo. Estava então numa ONG, de onde Gabriela Leite vinha articulando o movimento organizado de prostitutas. O momento inaugural foi o I Encontro Nacional, em 1987, quando as participantes manifestaram o desejo de abrir um canal de comunicação e propor novas políticas sexuais (p.5). Gabriela pôs fogo nesse desejo, que já tinha desde os

tempos do *Lampião*, e fomos à luta (p.20).

Uma puta luta. Por auto-organização e autodeterminação, nada sobre nós sem nós, de enfrentamento do estigma (p.4), de coragem de sair do gueto e se expor, de produzir e fazer circular novos sentidos e representações sobre a prostituta (p. 6-7), de dialogar e negociar, de sedução de aliados. E de firme resistência, quando necessário.

E mais do que nunca, essa luta continua. Ela, que é sobretudo por direitos e liberdade (de corpos, corações e mentes), ressurge

ainda mais forte no terrível momento em que assumem o poder forças antidemocráticas.

Estas que deixam à vontade intolerantes e canalhas para agredir e até matar, como aconteceu durante a campanha eleitoral de 2018. Ou tentar intimidar quem defende a democracia, como fizeram ao invadir duas vezes em uma semana a sede do Grupo de Mulheres Prostitutas do Estado do Pará (Gempac), em Belém, roubando bens e equipamentos. Mas não passarão. A experiência vem de longe. A ditadura civil-militar iniciada com o golpe de 1964 liberou geral a repressão, e assim as polícias obrigavam prostitutas a lavar banheiros e até defuntos, a transar de graça, além de terem fechado zonas, como na própria Belém, ou tentado “limpar” a Boca do Lixo, em São Paulo. Esta ação em 1979, aliás, estopim das origens do movimento de prostitutas.

Portanto tudo isso as putas conhecem muito bem, estão desde sempre entre as primeiras vítimas da repressão hipócrita de quem assume a bandeira da ordem e da moral, especialmente para o que é dissidente. E como somos logo cedo atingidas pela repressão, também desde o início estamos na linha de frente da resistência (p.8-9).

Conquistando ainda mais espaços no Brasil (p.18-19), ligadas em outros países e na história do movimento (p.10-13), lembrando de nossas queridas e potentes ausentes presentes (p.14-15), fazendo arte e política com nossos corpos (p.18-19), lutando com letras e traços (p.3) em nosso jornal – desde 19/12/1988.

É tudo isso que este *Beijo* procura expressar. Com coragem, orgulho e alegria, identidade, tesão, fantasia. E poesia.

*Minha boca também
está seca
Deste ar seco do planalto
Bebemos litros d'água
Brasília está tombada
iluminada como o mundo real
pouso a mão no teu peito
mapa de navegação
desta varanda
hoje sou eu que
estou te livrando
da verdade*

Ana Cristina Cesar

Beijo
da rua

Fundadora
Gabriela Leite

Editor
Flavio Lenz
(RP MTB 13.193)

Edição de arte
Claudio Prudente

Capa
**Montagem
sobre imagens
stock.adobe.com**

Apoio

**Um
verteilen!**

Uma publicação
do **Coletivo Davida**
coletivodavida@davidva.org.br

Distribuição gratuita, doações
bem-vindas



Davida

“ELES NÃO SABEM COM QUEM ESTÃO MEXENDO”

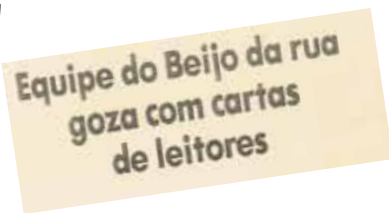
Claudio Prudente

C oisa linda é chegar aos 30 em seu esplendor. Três décadas de um belo casamento entre as mais mordazes palavras e suas diversificadas formas gráficas. Verdade que ele passou por várias mãos, e isto só lhe rendeu experiência e personalidade. Se olharmos em painel a trajetória visual do *Beijo da rua*, veremos que há uma pegada da arte de guerrilha, do spray, do stencil, da xerox nos primórdios dos fanzines, até da arte vetorial mais moderna. E tudo tem sua analogia, tudo conversa, apesar das radicais mudanças tecnológicas nos processos de edição gráfica ao longo deste período.

Foram autores nesta saga a designer Cecília Leal, que abriu com mestria os trabalhos coordenando uma seleta equipe, o experiente Fernando Pena, editor de arte no velho JB, que trouxe o finíssimo traço de Aliedo (sua águia em capa de 1997 é obra para acervo de museu),

Sylvio Marinho, um dos melhores diagramadores em atuação no Brasil, Sylvio de Oliveira, artista multitarefa, e este que aqui vos tecla, que teve algumas participações nos anos 90 e agora retorna nas mais recentes edições. Vale lembrar que em variados momentos o *Beijo* ainda contou com o traço divertido de Liberati e as xilogravuras do mestre Lasar Segall, cedidas por seu museu.

O que nos move, e sempre nos motivará, é essa parceria com a luta mais renhida pelos direitos das minorias. Que venham com suas armas. Teremos respostas com nossos traços, cores, letras, desenhos, texturas. Eles não sabem com quem estão mexendo.



No final de 2017 o logo foi modernizado. A letra B ficou maliciosamente mais arredondada

O NOSSO JORNAL POR NÓS MESMAS

BEIJO TESUDO

Vânia Rezende

A importância do jornal *Beijo da rua* é imensurável para nós prostitutas. O *Beijo* nasceu um pouco depois da ditadura, quando a gente ainda sentia os reflexos daquela época infeliz para todos os brasileiros, e só trouxe orgulho e alegria para nós putas. Temos um jornal nosso, que vem combatendo estigma, putofobia, discriminação, violência, falta de identidade, tudo que carregamos por conta desta sociedade hipócrita que usa os nossos serviços e nos joga pedras. Ele nasceu com a legenda “nada sobre nós sem nós”. Há 30 anos temos a felicidade de ter saído das páginas criminais e estar no nosso jornal falando de arte, música e poesias.

Para mim todas as edições são maravilhosas, educativas e divertidas. Na verdade, a que eu mais amei foi a que eu sou capa, no ano de 2001, quando o jornal fez a cobertura da fundação da Associação Pernambucana das Profissionais do Sexo (APPS). Já o texto que mais me marcou saiu na Coluna da Gabi (“O suor do presidente”), uma homenagem que Gabriela Leite fez ao presidente Lula no ano de 2002.

Há 30 anos o *Beijo da rua* já era atual, retratava a situação como se fosse hoje, nós já éramos aguerridas, desbravadoras capitães de nossas vidas. Há 30 anos as putas fundadoras deste movimento já eram empoderadas e não baixaram a crista para a pastoral, já existia a sororidade entre as putas fundadoras deste movimento que cresceu lado a lado com este jornal. O *Beijo da rua* sempre esteve presente na vida das putas, do “Oiapoque ao Chuí”.

Falar do *Beijo* para mim é tesão, paixão, orgulho, vivência, democracia, história de puta.

Eita jornal porreta

*Forte como a nordestina
malandro igual a carioca*

sutil como a mineira

inteligente igual à gaúcha

trabalhador feito a paulistana

astuto como paraense.

Eita jornal porreta

forte pra caceta

durante 30 anos é nosso amigo

amante marido irmão pai filho

junto com as putas não foge à Luta

jornal como ninguém nunca viu

o beijo da rua é nota mil.

(Vânia Rezende)



“UM JORNAL COM AS NOSSAS FALAS”

Distribuído por associações de prostitutas de 18 estados das cinco regiões do país, o *Beijo da rua* chega a milhares de pessoas, seja em capitais, no interior da Amazônia, até mesmo em ocupações. Amplia dessa forma a circulação das vozes das mulheres da vida e do movimento organizado entre as próprias protagonistas e outros segmentos da população, contribuindo para fortalecer a luta política, o ativismo, o controle social. Abaixo, comentários de prostitutas feitos em rede social sobre a edição de dezembro de 2017, que tratou dos 30 anos do movimento de prostitutas no Brasil.

Diana, Asprorn, Natal

Eu quero é o jornal pras meninas lerem e se sentirem orgulhosas. É uma dose de ânimo um jornal nosso, com as nossas falas.

Leila Barreto, Gempac, Belém do Pará

Chegou o beijo no norte... nas esquinas quentes e úmidas do Pará. Entendeu RBP a importância do beijo no papel?

Celia, Aprospi, Teresina

Chegou nosso jornal beijo da rua do que precisamos.

Maria Elias, Gempac

O jornal beijo da rua 30 anos já circulou na Zona, na primeira reunião do fórum de ONGs Redes Aids, no conselho de saúde, e dia 9 será entregue entre os organizadores do bloco Rebuteteiros do Pará.

Cida Vieira, Aprosmig, Belo Horizonte

BH recebeu [na sede], acreditam que o correio exigiu saber se tinha outras entregas pra lá, pediu até nota fiscal de outras entregas. Achamos um pouco preconceituoso o diálogo do entregador do correio.

Sebastiana dos Santos, As Amazonas, Manaus

Temos que fazer mais obra desse tipo para levar ao conhecimento do Brasil e do mundo. Vou fazer um belo trabalho com este material.

Vânia Rezende, da Associação Pernambucana de Profissionais do Sexo, Recife

Gente, peguei o jornal hoje, fiz a entrega às meninas, tá maravilhoso (...). Ai meu deus obrigada por este momento de felicidade eu tô boba kkk. Eu tô boba lesa com o jornal beijo da rua (...). Eu já li o jornal beijo da rua 6 vezes cada vez acho melhor e vejo coisas diferentes ou melhor faço interpretações diferentes (...). As entrevistas estão perfeitas do jeito que a gente falou.



Coletivo Socializando Saberes

Betania Santos, das Mulheres Guerreiras, de Campinas (SP), fala de *Beijo na mão na Ocupação Marielle Vive!*, em Valinhos (SP), no Dia Internacional da Prostituta, o 2 de junho, em 2018. “Foi um dia muito especial, falei sobre direitos, reconhecimento da profissão e CBO para 1.300 famílias, até ficar sem voz”.

VITRINE DO MUNDO

Soraya S. Simões

Querido *Beijo da rua*. Você é uma balzaquiana gostosa e tesuda. Há 30 anos nas mãos e nas bocas, cresceu sem complexos. Sexualmente bem resolvido. Expressa todas as fantasias sexuais e não se define em um gênero ou outro. É antes ambos, pan, trans. Mais transformador do que todos os jornais do Brasil e do mundo juntos, sem cerimônia. Um puta jornal promulgado em 1988 no bar de alguma esquina do país, num gozo *à la fois* modesto e grandioso, digno das grandes trepadas.

Beijo da rua, você é do mundo. Já passeou em Corinto e na Guaicurus. Anunciou a boa nova de tantas associações de prostitutas surgidas no Brasil. Aumentou o *brouhaha* das esquinas. Batalhou sentidos e novas posições político-sexuais nas arenas públicas. Diário Oficial de minha Cocagne. Perfumou o ambiente. Fez dançar as musas de todos os tempos.

Beijo da rua, você é uma vitrine daquelas de Amsterdam, numa casa de número 5198. Garota de programa, Garoto de programa, Meretriz, Messalina, Michê, Mulher da vida, Prostituta, Trabalhador do sexo. Faz texto e imagem de putas e putos que militam por direitos civis e humanos e estão hoje representados na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), do Ministério do Trabalho e Emprego. Você é um Profissional do Sexo.

Beijo da rua, você é funk, samba, brega e rock'n'roll. Organizou blocos em vários carnavais. Confeccionou fantasias de corpo e alma. Saiu da vizinhança da Escola de Samba Estácio de Sá, desfilou na avenida e, com graça, fez passarela de qualquer trottoir. Você levou Daspu para dar um rolé no www. Clientes um do outro, vocês são uma parada de puta.

Beijo da rua, você é foda! Iniciou sua vida escancarando potências redemocratizantes e chega aos 30 sem receios de encarar um Brasil reprimido que elegeu um capitão reformado. *Beijo da rua*, você já diz o que é no nome! Você é mais do que a boca e a crônica das ruas. É o beijo, na rua, em um país desejante. E das ruas não sairás. E nem cessarás o teu ativismo. Porque tem coisas que você faz de graça. E outras, nem fodendo!

COMUNICAÇÃO DIRETA

Mauricio Toledo

Gabi já dizia, “antes de ser Puta sou mulher”. Penso que antes de ser mulher ela era um ser humano que prezava e lutava com todas as forças pela liberdade de ser o que se é ou o que se quer ser.

Daí entendo minha participação no Movimento de Putas. Elas significam para mim um ato maior de soberania pessoal ao fazer uma escolha que põe contra a parede toda a sociedade, que intimamente sabe que o livre arbítrio é a essência da liberdade e que nenhum preceito moral ou religioso pode prevalecer sobre esse direito. Qualquer discurso contrário é somente exercício de poder e dominação.

Uma Puta pode deixar de ser Puta, diferentemente de ser negro ou gay, por exemplo. Assumir e encarar todo o estigma e violências decorrentes é um ato de coragem incomparável. Não se trata de ser contra ou a favor da prostituição, mas do direito à liberdade do ser/estar. E nessa hora se juntam os aliados e a participação destes não pode ser confundida com oportunismo ou assistencialismo. Nessa hora, há mais de 30 anos, juntou-se Zwinglio Dias, o Pastor que possibilitou o Primeiro Encontro Nacional de Prostitutas; e Flavio Lenz que logo mergulhou de cabeça, foi idealizador deste querido jornal juntamente com Gabriela Leite e é seu editor; e Roberto Domingues e mais “algum todos”, como diria nossa querida Puta de Pernambuco Nanci Feijó. Estamos juntos com as Putas pela liberdade.

O ato simultâneo entre pessoas de perceber/ser percebido (ação/reação) é a primeira forma de comunicação entre elas. Para isso é preciso existir, ser e estar. Ocupar (política do corpo). É preciso relação direta. Depois disso vem o conceito entre as partes e suas impressões que são transmitidas para terceiros. A interpretação de terceiros não gera discriminação necessariamente, mas já é pré-conceito e meio caminho andado para a desinformação (desconstrução da forma original ou sua descaracterização), conforme conveniências e poderes em jogo.

Salve o *Beijo da rua*! Parabéns pelos seus 30 anos! O jornal que abriu canal para a comunicação direta das Putas com a sociedade.

DA BÍBLIA AO BEIJO DA RUA: REPRESENTAÇÕES DA PROSTITUIÇÃO NA HISTÓRIA

Gabriel Alencar e Souza

A prostituição é um desses temas considerados tabus que geram desconforto ou embaraço. O assunto pertence ao grupo de temáticas que, quando levados para um debate mais amplo na sociedade, enfrentam dificuldades na formulação de respostas fora do binômio bem e mal, certo e errado. Ainda mais nos casos em que as reflexões são ancoradas em postulados moralizantes embasados nas crenças religiosas e nos postulados de pecado.

Na sabedoria popular – quase que como um ditado – muitas pessoas consideram a prostituição como a “profissão mais antiga do mundo”. Apesar de ser uma expressão que instiga curiosidade e que chama a atenção, não me parece tão claro que seja de fato o caso. Essa, assim como tantas outras formas populares ou não de se representar a prostituição ao longo da história, interessa-nos à medida que relacionamos a organização das prostitutas na década de 1980 com a criação do jornal *Beijo da rua*.¹

É difícil chegar a um consenso sobre o surgimento da relação comercial com o sexo, mas existem vestígios em diferentes culturas. Na cultura hebraica, por exemplo, podemos encontrar referência à prostituta no texto de Gênesis, em uma passagem sobre a descendência da família de um homem chamado Judá. Segundo o texto, Tamar, nora de Judá, finge ser prostituta para enganá-lo e engravidar dele, mantendo assim a descendência de sua família.² Porém, nessa situação não é evidente a comercialização do sexo. Tamar pode ter sido caracterizada como prostituta por se afastar dos costumes estabelecidos às mulheres da época.

Além disso, é perceptível que o olhar masculino apreendeu a questão da prostituição feminina durante séculos, através das demandas do cliente e das leis desenvolvidas que definiam os lugares da prostituta. Desde o tempo de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, por exemplo, a prostituição é considerada um “mal necessário”.³ Por mais que esses autores, religiosos, incorporem a

condenação pela luxúria, à prática da prostituição é plasmada a ideia da tolerância. Nessa perspectiva, a prostituição deve existir para proteger a família de sua destruição, já que permitiria a liberação do instinto sexual masculino insaciável.⁴ Por esta lógica, a Igreja a condenava enquanto prática de “trabalho” feminino, ao mesmo tempo em que aceitava a sua manutenção como necessária.

Na sociedade ocidental, a cultura religiosa cristã tem um peso nas imagens vinculadas à prostituição, que, como no caso do Brasil, são compartimentadas em algumas áreas do saber. Essa apreensão da questão, formulada entre o século 19 e as três primeiras décadas do século 20, aprisionou o tema aos enfoques ou jurídico-policial, ou de saúde pública.⁵ Sempre como portadora de estigmas sociais, reforçado pelo caráter conservador da sociedade brasileira. No entanto, é importante ampliar o panorama historiográfico sobre o tema e, consequentemente, analisar os variados olhares.

Na contemporaneidade, o mapeamento dos debates sobre a prostituição interligando os diversos cenários do período de transição democrática se relaciona diretamente com a criação da Rede Brasileira de Prostitutas na década de 1980. Nesse momento, surge uma nova representação da prostituição, ressignificando o papel da mulher que tinha o direito de se prostituir. O jornal *Beijo da rua* é um dos objetos mais marcantes nessa nova reinterpretação dentro da sociedade brasileira. Outras fontes, como fotografias, cartazes, fitas magnéticas, objetos tridimensionais, podem demonstrar também como, na década de 1980, Gabriela Leite, a fundadora do movimento de prostitutas e do *Beijo da rua*, pôde desenvolver, junto de um grupo constituído interdisciplinarmente, uma nova perspectiva a respeito da prostituta.⁶

Identidade e gênero

Assim sendo, o *Beijo da rua* traz à tona as discussões que estão no cotidiano do grupo, como: violência, preconceito, prevenção e sexualidade durante as últimas três décadas. Ao ser criado, o

4 GASPARG, Maria Dulce. ‘Garotas de Programa: Prostituição em Copacabana e Identidade Social’. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994, p. 67.

5 Cf. ENGEL, Magali. ‘Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro - 1840 a 1890’. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1989; SCHETTINI, Cristiana. ‘Que tenhas teu corpo’: uma história social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.

6 O acervo produzido e acumulado durante o desenvolvimento do movimento de prostitutas está sob custódia do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ).

1 O jornal foi lançado em dezembro de 1988 com o intuito de dar espaço à fala do grupo de prostitutas que estava se organizando nesse período, através de debates relacionados à prostituição, para desenvolver uma discussão mais ampla por toda a sociedade, inclusive prostitutas ainda não vinculadas ao movimento organizado, incentivando nestas o ativismo.

2 Gênesis 38.

3 ROSSIAUD, Jacques. A Prostituição na Idade Média. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1984, p. 52.



periódico tornou-se importante plataforma para fazer ecoar a voz da prostituta. Por isso, o jornal revela também dois fatores muito importantes para análise: a construção das identidades das prostitutas enquanto grupo e movimento que se evidencia; e o debate sobre a questão do gênero, que é indispensável nesse contexto. Seria impossível escrever sobre prostituição da mulher e simplesmente se eximir do debate entre feminino e masculino, mostrando as semelhanças e desigualdades dessa relação que sempre deixa clara a existência, ainda persistente na sociedade, do machismo e do patriarcalismo – reconhecendo o papel e o espaço da minha fala.

Através de formas e estéticas variadas, o periódico reverbera a noção de que a sociedade é extremamente careta e machista, transformando a prostituta em uma transgressora dos alicerces morais. Nesse sentido, é interessante observar, por exemplo, os tipos variados de linguagem (comunicação) tanto visual quanto literária que podemos encontrar no jornal, e que são extremamente importantes para uma análise.

Há uma grande diversidade de desenhos, ilustrações, fotografias, pinturas, xilogravuras, entre outros tipos de imagem, todas elas de alguma forma sendo usadas para nos aproximar da realidade ou espaço da prostituição. Essa predileção pela imagem demonstra uma preocupação com a visualidade ou estética visual, o que também pode ser interpretado como uma forma de manter uma comunicação rápida, já que a imagem é uma forma de estabelecer uma comunicação mais dinâmica com o leitor, ou seja, uma linguagem



mais direta. Algumas dessas imagens são de artistas renomados ou estilos diferenciados, como o surrealismo do pintor francês Roland Topor expresso na capa da primeira edição do *Beijo*.

A literatura também seria uma forma de resistência às palavras de ordem que circulam no nosso cotidiano. Ela tende a subverter a língua padrão, e acrescentaria a subverter a fala hegemônica. Esta fala hegemônica é representada, como sabemos, pelas palavras de ordem, pelas convicções, pelos hábitos estereotipados, designando condutas, modos de pensamento impostos, que visam impedir uma troca intensa que fuja dos desígnios do poder, tão cara à experiência literária. Poesias de Carlos Drummond de Andrade podem ser encontradas no jornal.

Utilizando-se de recursos imagéticos e literários, o *Beijo da rua* transforma a nossa sociedade à medida que podemos perceber a circulação de suas ideias e do discurso do movimento de prostitutas através da rede de sociabilidade estabelecida na luta pela cidadania dessas mulheres. Então, a prostituta nesse momento estava se constituindo de profissão, cidadania e direitos. O que significava mudança no paradigma da representação da prostituição no país e no mundo.

A partir disso, várias ações acontecem como desdobramentos das ideias contidas no *Beijo*. O primeiro exemplo marcante seria a parceria estabelecida entre o coletivo Davida, proprietário do título *Beijo da rua*, e o governo federal no desenvolvimento de materiais de campanhas contra Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e Aids a partir dos anos 1990. O segundo é o simbólico movimento de inclusão da profissional do sexo na Classificação Brasileira de Ocupações, do Ministério do Trabalho, em 2002. Além disso, mobilizou um grande número de intelectuais nos debates sobre a prostituição, ampliando os estudos e também contribuindo na divulgação de novas discussões sobre o tema.

REPRESSÃO E RESISTÊNCIA

AS PUTAS NA LINHA DE FRENTE

Laura Murray

Faltando uma semana para o segundo turno, fui a um debate sobre as eleições em que um dos debatedores disse que era necessário voltar a entender o Brasil. De acordo com ele, faltavam estudos para compreender os últimos anos e como o país se tornou tão dividido e tão cheio de ódio.

Enquanto ele falava, várias imagens, pesquisas e textos do *Beijo da rua* passavam pela minha cabeça. A imagem que captei no documentário da Gabriela em 2010 apontando a

gravidade da votação expressiva em Garotinho e em Tiririca para deputado federal: a Carta de Belém da Rede Brasileira de Prostitutas, em 2011, na qual, percebendo mudanças no cenário nacional, se anunciava o rompimento da parceria com o Ministério da Saúde até que as pautas das prostitutas fossem incorporadas em outras instâncias do governo; a manchete do *Beijo da rua* de agosto de 2011, “Pecado não é crime”, que destacava sentença de um juiz criticando aplicação diferenciada da lei, assim como a não separação de direito e moralidade, num caso de denúncia contra acusados de manter casa de prostituição.

Lembrei de um estudo realizado por Davida em parceria com Abia, em 2012, que já apontava silêncios profundos em relação à prostituição no nível federal, o tema sendo soterrado nas pautas da exploração sexual e do tráfico de pessoas, ou ainda dentro do HIV/Aids, onde cada vez mais as respostas biomédicas foram ganhando espaço e financiamento em detrimento das pautas dos direitos humanos. A censura da campanha do Dia Internacional das Prostitutas em 2013 e a nota de repúdio da Rede, publicada no *Beijo* online na época, que afirmava que a censura não foi só contra as prostitutas, mas contra todos os princípios do SUS e, portanto, uma afronta à democracia.

E lembrei especificamente desse texto recente da Indianare Siqueira, que ela publicou no Facebook na véspera da manifestação #EleNão no Rio de Janeiro, no dia 29 de setembro 2018, que também aponta 2010 como um ano de aumento de ataques às transvestigêneres, prostitutas e comunidade LGBTI:



AH. AGORA É ELE NÃO, NÉ? A ÁGUA DA PRIVADA ESTÁ BATENDO NA BUNDA, NÉ!?!

Desde 2010 eu e algumas pessoas (Tatiana Lionço, Beto de Jesus são algumas dessas pessoas) sofremos ataques de bolsonada. Na câmara de vereadores do Rio os filhos dele têm nossas fotos coladas do lado de fora do gabinete e o pai tem em Brasília e em seu escritório no que chamam de muro da vergonha. Eles imprimiram nossas fotos em cartazes e enviaram pra todo o Brasil. As pessoas não se importaram, isso não as atingia.

Os bolsonadas foram adquirindo força, depois foi uma ministra que não merecia ser estuprada por eles. Os filhos que segundo ele foram bem-educados e jamais se casariam com mulheres negras. Também disse que se os pais vissem que o filho ou filha estava com tendências homossexuais ou com história de identidade (pra eles ideologia) de gênero, que dessem uma surra até aprender a ser mulher ou homem. E alguns pais seguiram isso à risca, inclusive assassinando seus filhos por espancamento. As pessoas não se importaram.

Agora que o bolsonada arrisca ser presidente do Brasil e a água da privada está batendo na bunda de vcs, todes correm fazer atos contra ele. Ahhhhhh, agora vcs se importam, né, porque não seremos só as

transvestigêneres, putas, psicopedagogas, lgbtis a se fuderem. Agora são todes vcs que vão se ferrar.

E por que eu devo me importar com vcs?

Quando a água bateu na minha bunda eu aprendi a fazer a chuca com ela. Aprendam também.

Mas eu ainda me importo. Então de boas, vamos estar juntas sábado. Espero que depois disso, quando tudo passar e se der ruim, vcs lembrem de nós e se importem conosco. Pois por não se importarem é que chegamos nessa situação.

Como Indianare aponta, há, sim, ampla evidência de como chegamos a essa situação. É importante reconhecer as diversas resistências do movimento de prostitutas, trans, LGBTI e de pessoas vivendo com HIV ao longo dos últimos oito anos (no mínimo), chamando a atenção para a gravidade do aumento do poder da bancada evangélica, e apontando que pautas dos movimentos vinham sendo negligenciadas e desrespeitadas como parte de acordos de poder.

Uma foto minha do *Beijo* também me veio à cabeça no dia da palestra. Tirei um dia depois da invasão policial ilegal do Prédio

da Caixa, em Niterói, em maio de 2014, num dos apartamentos onde eu tinha estado no dia anterior para planejar o próximo protesto contra as prisões de prostitutas do prédio sem mandado e sem provas. Discutimos a possibilidade de apoiar a formação de um grupo de prostitutas lá e deixei folhetos do Red Umbrella (Fundo Guarda-Chuva Vermelho) junto com o *Beijo* publicado em homenagem a Gabriela em 2014.

Quando voltei ao apartamento, no dia 24/5, a porta estava quebrada e todas as cervejas e equipamento de som e bar do apartamento



Laura Murray

tinham sido levados. Mas num quarto atrás, em cima de um banquinho, estavam os folhetos do Red Umbrella e o *Beijo* com a imagem da Gabriela, e sua frase “Eu não tô aqui de boqueira”. No dia, me parecia uma metáfora paradoxal – por um lado, das dificuldades de se organizar num ambiente de criminalização e repressão, e por outro da resistência – o *Beijo* ainda estava lá mesmo depois da violência e truculência da invasão.

Lembrar é resistir

Estou com uma sensação parecida após a eleição. Estamos frente a uma situação na qual a criminalização dos movimentos sociais, que já vinha acontecendo, tende a piorar junto com a repressão. O que aconteceu no Prédio da Caixa agora ameaça acontecer no Brasil inteiro. Em 2016, uma das prostitutas agredidas no prédio me enviou uma foto do delegado responsável pela invasão almoçando num grupo junto com o Bolsonaro.

Esses processos estão conectados, e nas reflexões que todas faremos nas próximas semanas, meses e anos é fundamental que essa parte da história não seja esquecida nas tentativas de “entender o que aconteceu”. As prostitutas entenderam, sofreram e resistiram (e resistem) há tempo a essas forças racistas, sexistas, classistas e

homofóbicas que estão enraizadas nas estruturas coloniais que até hoje mantêm a elite no poder no Brasil.

Eu lembrei ao expositor, naquele debate, sobre as eleições, o que vinha acontecendo contra as prostitutas, as trans, a população LGBTI, e as pessoas vivendo com Aids. Fui rebatida com a afirmação de que os “direitos particulares não podem ter prioridade sobre os direitos universais.” Pois é. E na sua própria resposta, ele já responde à sua pergunta sobre ‘como chegamos na situação que estamos’. Pois como Indianare lembra, não se solidarizar com os ditos “direitos particulares” é um dos motivos pelos quais chegamos na atual situação.

As putas estão sempre na linha de frente. Da resistência, da política e também no olho da repressão. A primeira edição do *Beijo*, em 1988, já declarava: “Prostituição não é caso de polícia.” Como uma ativista compartilhou no grupo da Rede, após o resultado do segundo turno: “Agora talvez vocês possam acreditar nas cicatrizes que a vida me deu. Entender por que as nossas unhas eram quebradas com alicates quando presas, e as faxinas que precisamos fazer nas cadeias quando nos prendiam. Somos resistência no presente e não deixaremos de acreditar no Brasil.”

Viva as putas! Viva a luta! Viva o *Beijo* como um veículo belo e prazeroso de resistência!

FASCISMO RIMA COM MORALISMO E ATINGE PROSTITUTAS NA ÁUSTRIA E NO BRASIL

Luzenir Caixeta, maiz

A violência neofascista cresce no mundo e atinge especialmente os grupos considerados contra “a moral e os bons costumes”. A extrema-direita está neste início de século em clara fase ascendente, e colocando a democracia em risco. Tomemos como exemplo a Áustria, na Europa, e o Brasil.

Na Áustria (país 101 vezes menor que o Brasil) vem crescendo, nas últimas décadas, o partido populista de extrema-direita (FPÖ), com discurso xenofóbico contra migrantes e exilad*s. maiz (www.maiz.at), organização de e para mulheres migrantes, iniciada por brasileiras em meados de 1990 na Alta Áustria, e com uma área específica de trabalho com prostitutas migrantes (Sex&Work), informa que, no país, mais de 90% são migrantes. Com o crescimento da direita populista, maiz tem sofrido ataques racistas contínuos de difamação na mídia. Além disso, com a subida ao poder desse partido junto com o partido conservador cristão (ÖVP), no início de 2018, maiz teve o financiamento estadual para o trabalho com prostitutas totalmente cortado. Mas o trabalho continua, mesmo quase sem grana.

No Brasil, as consequências da eleição de Bolsonaro – depois de uma campanha baseada no ódio às minorias e na intenção declarada de sonégá-las – não se fazem esperar. O estado é de alerta geral e mulheres, prostitutas, negr*s, LGBTQIs, indi*s, pobres, terão um presidente contra si. Tudo indica que a população que apoiou/apoia o eleito se sente legitimada desde já a exercer a violência contra as minorias, sem a menor preocupação com os direitos humanos, nem com os mais básicos princípios democráticos e cívicos. Os ataques ao Gempac, em Belém, pouco depois da eleição, deixam margem para esse tipo de interpretação.

Para as organizações de e pró-prostitutas de ambos os países é muito importante fortalecer tanto a rede internacional de apoio com outras organizações similares, como também a mais ampla com a sociedade civil: organizações pró-direitos humanos, feministas, antirracistas, LGBTQIs e outras minorias, esquerdas etc. Também intelectuais e artistas engajados podem ajudar a pôr a boca no trombone de maneira crítica, criativa e performática, desde que não tirem o protagonismo das prostitutas.

Mas além do apoio externo, através de alianças estratégicas, precisamos manter-nos unid*s e fortes para enfrentar os ataques, que tendem a aumentar. Amparar-nos e cuidar-nos mutuamente será imprescindível para não cairmos nas garras fascistas que querem nos desmobilizar e destruir em nome da “moral e dos bons costumes”, ou, como se diz no jargão excludente do governo austríaco, em nome dos “valores europeus”.

CAMPANHA CONTRA A NOVA LEI DE PROSTITUIÇÃO NA ALEMANHA

Veronica Munk

Tampep | Rede Europeia pela Promoção dos Direitos e da Saúde de Trabalhadores do Sexo Migrantes

A campanha *Trabalho sexual é trabalho. Respeito!* (www.sexarbeit-ist-arbeit.deV) foi lançada em Berlim no 2 de junho de 2017, Dia Internacional pelos Direitos das Prostitutas. A campanha luta pelos direitos humanos de mulheres, homens e transgêneros, alemães e migrantes, que trabalham na prostituição na Alemanha. Ela foi criada em junho de 2016, um ano antes da entrada em vigor da nova lei, que instituiu registro obrigatório e aconselhamento de saúde periódico, entre outras medidas.

A campanha é composta por três ONGs: Besd (www.berufsverband-sexarbeit.de), a Associação Profissional para Serviços Eróticos e Sexuais, Move (www.move-ev.org), a Associação para Educação e Comunicação no Trabalho Sexual, e Bufas (www.bufas.net), Aliança de Centros de Aconselhamento para Trabalhadores Sexuais. Dela fazem parte prostitutas, ativistas feministas e assistentes sociais de várias partes da Alemanha, que se encontram duas vezes ao ano para levar adiante atividades que acontecem num contexto local ou nacional.

Como começou

O primeiro encontro aconteceu em Bochum, organizado por Stephanie Klee, alemã, prostituta e ativista de longa data, coordenadora da campanha. Havia uma representante do Besd, cinco de ONGs alemães, e eu, por Tampep.

A ideia era refletir sobre o que fazer, e como, para tentar reverter ou minimizar a lei que entraria em vigor exatamente um ano depois, em 1º de julho de 2017.

Nasceu assim a campanha *Trabalho sexual é trabalho. Respeito!* Ela não só ganhou um nome, como um logotipo desenvolvido por Brigitte Reinhardt, de Hamburgo, e propostas para textos de divulgação e ideias para ações de sensibilização pública contra a nova lei.

Controle sem proteção

Na Alemanha havia a Lei de Prostituição de 2002, que reconhecia o trabalho sexual como atividade e garantia assim o direito a todos os benefícios sociais.

Esta nova lei de 2017, chamada de Lei de Proteção às Prostitutas, veio com um intuito muito claro: controlar a prostituição e dar amplos direitos à polícia e ao Estado de exercer este controle. Daí o registro obrigatório de pessoas que exercem qualquer tipo de serviço erótico ou sexual, onde for: na rua, em apartamentos, bordéis, por telefone, escort, indústria pornográfica etc.

A justificativa de tamanho controle era e é o combate ao tráfico humano, e indiretamente à migração, já que 70% a 80% das pessoas no trabalho sexual na Alemanha são migrantes. O surgimento de tal legislação constava do acordo de coalizão de governo firmado pela CDU (conservadores) e a SPD (social-democratas). A nova lei retrata muito bem esta tendência moralista crescente na Europa, também

Helga Bilitewski e Stephanie Klee, com a faixa da campanha, participam em Berlim de marcha pela democracia no Brasil

existente na Alemanha, que começou com a lei sueca de 1998 de criminalização dos clientes de prostitutas.

E de “proteção” esta lei não tem nada, ao contrário, só aumenta o estigma. Ela força uma exposição ou revelação indesejada, já que a pessoa tem que se registrar com o nome verdadeiro, e andar sempre com a carteira de registro caso haja um controle policial. Além disso, força migrantes em situação irregular à clandestinidade, o que os faz ainda mais vulneráveis à violência e exploração.

A campanha hoje

Por ser uma campanha pelos direitos humanos de pessoas na prostituição, ela chama a atenção para os direitos de trabalho e de autodeterminação, assim como se posiciona pelo fim da estigmatização e pela participação de trabalhadores do sexo em qualquer discussão e decisão que diz respeito à atividade.

Há dois anos a campanha realiza atividades de sensibilização e de esclarecimento sobre os efeitos e consequências da nova lei. Por exemplo: coletivas de imprensa, textos e folhetos, adesivos e produtos para financiar a campanha, como relógios, arguições oficiais a parlamentares.

Como a campanha tem representantes em diferentes cidades, seu resultado é muito mais abrangente. É possível participar de atividades nacionais, como as comemorações do 2 de junho, Dia Internacional pelos Direitos de Prostitutas, ou dar apoio a outras campanhas, como foi o caso em Berlim com a marcha contra o golpe e pela democracia no Brasil.

No momento, a campanha Trabalho sexual é trabalho. Respeito! tem o apoio de 55 organizações e redes alemãs e de outros países europeus, assim como indivíduos, entre prostitutas, acadêmicos, professores universitários, políticos, jornalistas, cineastas e ativistas.

Estratégias futuras

Tornar o discurso social sobre prostituição mais claro e veicular informações sobre as realidades do trabalho sexual. Fazer isso através da perspectiva de prostitutas, assistentes sociais e ativistas.

Fortalecer o ambiente solidário.

Organizar diferentes ações para destacar posições.

Observar constantemente e de forma crítica a implementação da lei nos Estados e municípios, pressionando os governos locais para garantir a presença de prostitutas em discussões, avaliações e decisões.

Promover o empoderamento e a educação entre pares.



SEM FRONTEIRAS

Lançada este ano na Itália, a novela etnográfica “Sem fronteiras” trata do nomadismo contemporâneo e da experiência dos migrantes do novo milênio, para desconstruir o estereótipo de “migrante, refugiado”, e falar de pessoas reais, com suas vidas, personalidades, sonhos. Entre as histórias de resistência, em Milão e Berlim, destaca-se a ocupação de uma praça em Kreuzberg, bairro central da capital alemã. Durante um ano e meio, de outubro de 2012 a abril de 2014, solicitantes de asilo da África sub-saariana, principalmente, montaram acampamento na Oranienplatz, numa manifestação por uma política de portas abertas a migrantes e refugiados, pelo direito de trabalhar e estudar na Alemanha, e contra os campos de refugiados.

O acampamento deu uma dimensão física ao movimento: corpos, vozes, histórias, demandas ficaram visíveis, e assim foi possível estender a discussão da rede de ativistas para outros cidadãos e para as instituições políticas. Mesmo com a saída negociada do local, a Oranienplatz continua a representar o coração do movimento de refugiados em Berlim. Ela foi uma plataforma aberta, que se espalhou e germinou em distintos projetos políticos, artísticos e jornalísticos. Muitos dos protagonistas de “Sem fronteiras” estão ligados à experiência da Oranienplatz. É uma história que se desdobra pelas páginas da novela e que frequentemente se torna o estopim de discussões durante as apresentações do livro, quando o público pergunta como se inspirar no Oplatzmovement, como ficou conhecida a ocupação, e como encontrar, coletivamente, novas ferramentas para lutar pela liberdade de movimento por todo o mundo.





**Friederike
Strack**

Esta Gira faz um giro no tempo, em comemoração à longevidade do *Beijo*. Lembrar é resistir!

1985 ♦ 14 de fevereiro

Primeiro Congresso Mundial de Putas, em Amsterdão:

O congresso foi planejado pelo ICPR (Comitê Internacional pelos Direitos das Prostitutas) com prostitutas de oito países e aliadas. A auto-representação foi o mais importante para a visibilidade, apesar de ter havido um conflito com o Coletivo Inglês de Prostitutas, que não queria identificar quem já teve experiência no trabalho sexual. No evento foi lançada a Carta Mundial pelos Direitos das Prostitutas, em que é reivindicada, em primeiro lugar, a descriminalização da prostituição. O direito de viajar, a liberdade de trabalhar com colegas em coletivos sem ser acusadas de exploração, a descriminalização de terceiros, o direito de escolha do lugar de trabalho são outros pontos importantes da Carta.

1986 ♦ 1-3 de outubro

Segundo Congresso Mundial de Putas, em Bruxelas: A possibilidade de encontrar deputadas do Parlamento Europeu no primeiro congresso abriu as portas para o Segundo Congresso Mundial de Putas, dentro do Parlamento Europeu, em Bruxelas. Nas sessões sobre Prostituição e Direitos Humanos, Saúde e Feminismos se reuniram 200 pessoas (Áustria, Austrália, Canadá, Equador, Inglaterra, França, Holanda, Índia, Irlanda, Itália, Marrocos, Filipinas, Suíça, Tailândia, Estados Unidos, Alemanha). E houve tradução simultânea! O direito de fala foi das prostitutas – chamadas de participantes – e as defensoras de prostitutas – chamadas de “convidadas” – podiam falar quando convidadas, exceto na sessão sobre feminismo, aberta a todos.

1990 ♦ 1-4 de novembro

Formação da NSWP - Rede Global de Projetos de Trabalho Sexual: Em Paris se reuniram ativistas mulheres, homens, trans para desenvolver estratégias de luta contra Aids. Como as prostitutas eram vistas como grupo de risco e estigmatizadas como “vetores de HIV”, esse grupo engajado começou a formar uma rede para pressionar autoridades de saúde e desenvolver políticas públicas no mundo. A partir daí participaram nas Conferências Internacionais de Aids, que ainda não incluíam o movimento de prostitutas como parceiro.

1994 ♦ Agosto

Criação do Asian Pacific Network of Sex Worker - APNSW: Na Conferência Internacional de Aids em Yokohama, Japão, foi fundada a Rede de Ásia e Pacífico de Trabalhadores Sexuais, para facilitar a participação de prostitutas em espaços políticos. Participaram organizações como Empower, da Tailândia, Sweetly (Japão), Pink Triangle (Malásia), Scarlet Alliance (Austrália) e Sonagachi (Índia).

1997 ♦ 30 de setembro - 2 de outubro

Primeiro Congresso Latino-americano de Trabalhadoras Sexuais, na Costa Rica: Sessenta prostitutas da América Latina (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Uruguai, Venezuela) se reuniram pela primeira vez a fim de analisar as suas condições de trabalho e vida. Na discussão se destacaram as diferentes leis nos países que incentivam discriminação e agressão pela polícia e outros agentes públicos. Depois de uma campanha-protesto de um padre católico para que o encontro fosse encerrado, uma prostituta costa-ricense reclamou a sua liberdade de expressão: “Queremos ser vistas como mulheres, amigas, filhas com dignidade!”. Foi o começo da Rede Latino-americana e Caribenha de Trabalhadoras Sexuais - RedTraSex.

2001 ♦ 6-8 de junho

A origem da guarda-chuva vermelho: A primeira vez que o guarda-chuva vermelho foi usado como símbolo de solidariedade com trabalhadores sexuais foi na 49ª Bienal de Veneza. O Comitato per i Diritti Civili delle Prostitute chamou prostitutas de vários países para uma marcha com guarda-chuvas vermelhos pelas ruas de Veneza até o “Pavilhão das Prostitutas”, que fez parte da instalação de arte CODE:RED, do artista esloveno Tadej Pogacar.

Pia Covre, do Comitato, recorda: “Precisávamos passar pela cidade da Bienal para a Galeria de Arte. Assim pensamos que com guarda-chuvas vermelhos ficaríamos mais visíveis. Veneza está cheia de turistas e queríamos ser vistas pelas outras pessoas na rua.”

Desde então virou marca dos movimentos de direitos de trabalhadores sexuais mundialmente, simbolizando força e proteção contra intolerância.

2003 ♦ 17 de dezembro

Dia Internacional pelo Fim da Violência contra Trabalhadores Sexuais: Foi promovido pela primeira vez em 17 de dezembro de 2003, nos EUA, em memória às vítimas de violência. Desde então, neste dia, há eventos e vigílias no mundo inteiro, que destacam a luta contra a marginalização, racismo, putofobia, transfobia e misoginia.

2005 ♦ 15-17 de outubro

Conferência Europeia sobre Trabalho Sexual, Direitos Humanos, Trabalho e Migração em Bruxelas, Bélgica: O Comitê Internacional pelos Direitos de Trabalhadores Sexuais na Europa (ICSRE) promoveu esta conferência com 200 prostitutas e simpatizantes de 30 países para colocar as pautas de direitos de prostitutas de volta na agenda. Importante foi tirar o foco do tráfico de pessoas nas questões de migração e trabalho, já que a grande maioria de trabalhadores sexuais na Europa Ocidental vem de outros países. A Rede Europeia acordou



com todo o entusiasmo e desenvolveu uma Declaração dos Direitos de Trabalhadores Sexuais, que foi entregue no Parlamento Europeu. A conferência foi encerrada com uma grande passeata pelo centro histórico de Bruxelas e muita esperança.

2009

Fundação da ASWA - Aliança Africana de Trabalhadores Sexuais:

ASWA foi fundada com organizações lideradas por prostitutas de dez países africanos (África do Sul, Quênia, Uganda, Namíbia, Botswana, Zimbábue, Senegal, Mali, Moçambique e Maurício). Hoje tem membros de 32 países africanos e conquistou influência não somente na África como também no mundo, para defender o trabalho sexual como trabalho e lutar contra as violações dos direitos humanos de trabalhadores sexuais.

2012 ♦ 22-26 de julho

Sex Workers Freedom Festival em Calcutá, Índia: Como trabalhadores sexuais não podiam participar da Conferência Internacional de Aids em Washington, devido às restrições de vistos do governo norte-americano, foi criado um evento alternativo: o Festival de Liberdade de Trabalhadores Sexuais.

Ativistas de todos os continentes participaram da extensa programação, que incluiu protesto contra exclusão da Conferência de Aids. Líderes do movimento de usuários de drogas que tiveram as mesmas dificuldades de vistos se solidarizaram. As manifestações das prostitutas foram vistas em Washington por meio de vídeos exibidos nas sessões e na Aldeia Global, e isso com um fuso horário de nove horas!

2012 ♦ Abril

Lançamento do Red Umbrella Fund: O primeiro fundo global dirigido por e para trabalhadores sexuais que apoiou organizações e redes de prostitutas. Trabalhadores sexuais sabem melhor sobre suas necessidades e por isso tomam parte em todos comitês do Fundo Guarda-Chuva Vermelho. Até 2018 foram subsidiados 129 projetos de 50 países, todos fortalecendo o movimento de prostitutas.

2014 ♦ 17 de outubro

Fundação da Plaperts: Plataforma Latino-americana de Pessoas que

Exercem o Trabalho Sexual é fundada por trabalhadores sexuais do Brasil, Equador, Peru e México, em Quito. Na Declaração de Quito as integrantes expressam o direito de eleger a prostituição como trabalho e de ter autodeterminação sobre o próprio corpo. Reafirmam a liderança do movimento de prostitutas que vêm de países com diferentes sistemas legislativos falando por si mesmo contra os discursos moralistas. Assim, manifestam “a resistência social e política e dizemos aos governos e à comunidade mundial que a palavra puta não nos ofende nunca mais, aprendendo e seguindo o sonho da Gabriela e muitas que hoje não estão mais aqui. As putas têm também o direito de votar e participar em todos os espaços para construir um país, um mundo no tamanho dos nossos sonhos”.

2016 ♦ Maio

Anistia Internacional defende a descriminalização do trabalho sexual:

A Anistia Internacional se posiciona mundialmente a favor de políticas que protegem os direitos humanos de pessoas que fazem trabalho sexual. Exige dos governos implementar estratégias contra a violência e garantir o acesso a saúde e à educação, assim como a participação de trabalhadores sexuais no desenvolvimento de leis e políticas que afetam as suas vidas. A Anistia Internacional conduziu uma consulta com 200 prostitutas na Argentina, Hong-Kong, Noruega e Papua Nova-Guiné e organizações, reunindo análises de documentos do Unaid e da Organização Mundial da Saúde.

Friederike Strack



2018 ♦ 23-27 de julho

Conferência Internacional de Aids em Amsterdão:

A comunidade de trabalhadores sexuais e aliados criou de novo uma linda Zona dentro da Aldeia Global, com apresentações e performances de mulheres, homens e trans prostitutas. Lourdes Barreto e Betania Santos, da RBP, marcaram forte presença. Uma passeata com dezenas de guarda-chuvas vermelhos chamou a atenção na cidade. vA grande crítica, acompanhada com protestos nas sessões da Conferência, é ao local da próxima Conferência, em São Francisco, EUA, onde de novo trabalhadores sexuais e outros seriam excluídos. Já se pensa num evento paralelo para dar visibilidade às demandas dos movimentos putas.

Não somos o problema. Somos parte da solução!

NOSSA SENHORA REFAZEDORA DE NÓS

À MEMÓRIA DA NEGA JANETE,
AQUELA ENORME PUTA!

José Miguel Nieto Olivar

As profissionais do sexo, trabalhadoras sexuais, prostitutas do Brasil, vêm nos dando há anos um precioso presente para tempos brutos: a puta.

Como as coisas mais belas e poderosas desse mundo, costuma ser mais fácil entender o que é a puta a partir do que não é e a partir de imagens. Não há escolha e não há definição mais verdadeira. A puta não é uma pessoa, não é uma mera personagem de montagem profissional, não é o nome de um emprego, não é sinônimo de nada, não é uma heroína e nem entidade, não é um futuro por vir, não é um acordo, não é simplesmente um adjetivo ou parte de um substantivo composto; não é uma ideia. Ou pelo menos é isso que eu tenho aprendido.

Mas vira o copo. A puta se faz gente, a puta monta e sustenta o profissionalismo, a puta te emprega naquelas horas de motel em que lhe dá teu dinheiro, a puta acolhe todos os nossos nomes e cus, a puta é a nossa mais santa heroína nacional e é a entidade da entidade da entidade no corpo-cavalo-pé-no-chão da pomba-gira-nossa-senhora, a puta é uma linha de sobrevivência e costura jogada pra frente, é um dissenso entre as putas pois não existe nada que a gente possa tranquilamente chamar de a puta, a puta é a expressão mais bonita – disse sempre Gabi –, o melhor jeito de multiplicar os substantivos de luta. A puta é uma preciosa ideia-carne que as prostitutas do Brasil

vêm cultivando em suas hortas lúbrico-políticas de esquina. Ou pelo menos isso que tenho sentido.

A puta acompanha nosso bater perna na esquina há anos. Mas nunca foi pacífica sua presença; nunca foi unanimidade a puta. E, como já disse, nunca foi a mesma puta. No início foi aquele poema do bárbaro Drummond de Andrade pelo qual Gabriela quase apanha nos anos 80. Vieram então os textos geniais da Gabi, que atravessaram o século tentando convencer suas companheiras sobre a beleza do outrora-ainda insulto. A puta sempre tecida em letras e métricas no *Beijo da rua*: puta cheirando à tinta de jornal, a suor de mão, a cigarro de poeta. Em 2005 a PU marcou o horizonte da grife e dos ativismos ampliados e artísticos que viriam pela frente; possibilitou novas alianças e deu um cheirinho maior de gozo à militância. Em 2006 e 2007 a puta era uma palavra secreta em Porto Alegre, um insulto fácil, uma ameaça quando colocada no título de textos acadêmicos. Janete não poetizava com a puta, mas a puta lhe orientava suas lembranças púberes e atravessava seus ensinamentos às profissionais novatas. Em 2008 foi uma tensão interna no movimento, uma disputa também geracional que aliava a Gabi às mais jovens, uma dúvida, uma dissonância: era a puta agindo na sua melhor forma. Um tesão conhecido que dava meda.

Depois foi ganhar espaço e corpos, ganhar vida pública. A partir daí a puta foi circulando de melhor forma não apenas pelas camas das prostitutastrabalhadorassexuais, mas pelos lábios e veludos das ativistas militantes e pelos textos de nós ativistaspesquisadorxs. Até a tatuagem no braço da mais formosa puta – doña Lourdes Barreto EstrelaGuia do Brasil – e as alianças generativas com putas travestigêneres irrefreáveis e cosmopolíticas como a querida Indianare. (Há sempre o desejo de cristalizar a puta, de ser A puta,



de apropriar-se da palavra e do conceito, de viralizar a #puta@puta. pu. Porém, felizmente, isso é impossível. Não será nunca perante os nossos olhos e nunca de forma individual e nunca no plano da identidade, que um xamã vira onça. Devir Puta, se eu fosse puta, putafeminismo, puta politics, rede de putas: efeitos de inspiração, fabulações perenes, exemplos da capacidade problematizadora e criativa da puta, materializações temporárias da puta. Apenas pelos trançados para estarmos juntos.)

No tempo das catástrofes... Em tempos em que o Estado de direitos se desmorona entre os nossos dedos, em tempos em que as bolhas dos individualismos, humanismos, capitalismo e androcentrismos se tornam insustentáveis e confirmam toda sua capacidade de destruição; em tempos em que o fascismo se instaura no coração do Brasil e evoca o gênero-e-a-sexualidade como um dos inimigos públicos da Nova Pátria... No tempo do medo e da morte há que recuperar as linhas de lâ e água que nos conectam. E há que ser um pouco jaguar e um pouco caranguejo. Ou pelo menos tentar sê-lo para não morrer tão facilmente: nem de fome nem de facada na rua. E há que sê-lo coletivamente, enredades em parcerias vitais e gozosas: o jaguar e o caranguejo não são uma dupla dialética e complementar, são uma fabulação híbrida de beleza e sobrevivência. Como a puta e nós. Todxs nós. Isso é o que alguns chamam de Devir. Devir Puta, uma das relações de força e fé que permitiu que o Brasil construísse um dos primeiros e maiores e mais poderosos e mais interessantes movimentos organizados de trabalhadoras sexuais do mundo. A Rede Brasileira de Prostitutas. De ProstiPutas: como sugere o cartaz do Encontro Nacional de 2008: um clássico já: uma promíscua última ceia de santíssimas putas. As puta-politics, os putafeminismos.

Em tempos de fim do mundo, há que confiar na inteligência sublime das prostitutas, nas linhas de baba e dinheiro que ficam penduradas entre um lábio e outro depois do bom beijo que profissional não deve nunca dar. Nada nos salvará, é verdade, porque nunca mais nada e ninguém vai salvar ou resgatar ninguém; e nada será mais do feminismo, da política radical ou da academia sem o saber atravessado das putas. Há que se agarrar forte da vida e do tesão, há que tatuar no braço a caminhada torta que nos trouxe até aqui, há que ter a capacidade de virar o jogo e de olhar nas entrelinhas dos olhos do caçador, de ser – na possibilidade de um encontro no Drive, de um boquete bem feito, de um texto radical – aquela que caça. “Ninguém solta a mão de ninguém” No tempo das catástrofes as prostitutas do Brasil fabricam/praticam e oferecem a puta: uma puta cada vez mais múltipla, uma puta-pomba-gira-onça-intelectual, uma puta que fugiu da tirania obsoleta da juventude, da natureza dos corpos e da obediência heterossexual, da segregação territorial; uma puta-refazedora-de nós com jornal próprio! O puto *Beijo da rua* que faz 30 anos!

É tempo de confiar- virar puta.

P.S.: ...alguns anos antes da tatuagem puta no braço da mais formosa puta, houve outra tatuagem em outro braço também o mais formoso. Na Praça da Alfândega, em Porto Alegre, a imensa e genial RainhadoboqueteAtrizemeretriz, prostituta militante e desestabilizadora radical da instituição e da militância-de-Estado, apareceu uma bela tarde com uma poderosa tatuagem no braço. Era o esquerdo se mal não lembro, e era o nome do seu então namorado (jovem, malandro, usuário e vivendocom) escrito em letras barrocas e coroado por duas armas de fogo que apontavam para lados opostos. As armas que ele usava para seus trabalhos, dizia ela. Todo um insulto feroz à profissionalização.



TCHAU, BEIJOS E APLAUSOS

Janete Oliveira

Com redação de Josiane Machado

Tu viu só? As coisas não acontecem por acaso. Há 26 anos atrás, a minha opção de trabalho era fazer teatro. Fiz dois cursos e embarquei de cabeça nisso. Depois de alguns espetáculos, o grupo em que eu trabalhava resolveu montar uma peça, *Navalha na carne*, de Plínio Marcos, e por ironia do destino o meu papel seria o de uma prostituta. Para representar uma prostituta perfeita, comecei a me infiltrar entre elas, e disfarçadamente andava na calçada de lá para cá até fazer amizades.

E foi assim que, de amizade em amizade, conheci um alemão de olhos azuis que me fascinou com um jeito muito cafajeste de ser. Ele fazia parte daquele território. Acabei me apaixonando de tal forma que a prostituição passou a ser o meu meio de sobrevivência, mais do que o teatro. Mas é claro que eu uni o útil ao agradável e a encarei como um trabalho tri-sério.

Fiquei 20 anos com esse homem, tive filhos com ele, até que, em 1997, ele morreu em um acidente. Ah, esqueci de um detalhe. Toda vez que eu saía mais cedo do hotel, o dono dizia: “Lá vai a puta de elite para o teatro assistir a mais um espetáculo”.

A primeira vez que ouvi esse apelido, “puta de elite”, foi quando saí mais arrumada que de costume, para assistir a *Morangos mofados*, de Caio Fernando Abreu, que era meu amigo, hoje falecido. Bhaa, que sina.

Eu não me arrependo de ter virado prostituta e ter ficado nesse eterno trabalho de laboratório. É muito fascinante representar nos palcos da vida.

Antes, no teatro, as pessoas me chamavam de puta atriz, hoje sou uma atriz puta.

Já me considerando urna prostituta quase perfeita, passo para vocês que prostituição também é cultura.

Tchau, beijos e aplausos.

Publicado na edição de julho de 2002

#PUTALUTA DASP



AFETO E POLÍTICA NO ENCONTRO DE ARTES

Putas, travestis e trans compartilharam afeto e política num desfile-performance no IC Encontro de Artes, no Instituto Goethe em Salvador, no final de agosto. O desfile abriu o show de Linn da Quebrada, que vestiu Daspu, assim como JUP do Bairro. Essas duas potências que usam o corpo como manifesto artístico e político se uniram nessa puta luta, marcada pela presença das fundadoras da Rede Brasileira de Prostitutas (RBP), Lourdes Barreto, e da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), Keila Simpson, além de Cida Vieira, coordenadora da Aprosmig (Associação de Prostitutas de Minas Gerais). DJ Dolores apoiador do movimento foi o criador da trilha sonora do desfile-parada.

A PUTA luta integra um gesto artístico e político que afeta e interage com os sistemas de representação das sexualidades e corpos dissidentes. “Os desfiles são performances que usam a potência e os instrumentos de batalha das putas, ativistas e artistas que colocam o corpão na pista, na rua, que sabem o que é fazer política de rua, que lutam não só pelo reconhecimento da prostituição como trabalho, mas pela liberdade sexual, autonomia, diversidade dos corpos, gêneros e sexualidades”, afirma Elaine Bortolanza, que fez a curadoria e produção da performance.

O desfile foi realizado em parceria com RBP, Antra e Aprosba (Associação de Prostitutas da Bahia). Jhoony Braz, parceiro da marca há mais de 3 anos, assinou a beleza das modelos com uma equipe local.



Lourdes e Keila no desfile-manifesto que abriu o puta show de Linn da Quebrada e JUP do Bairro



Resistentes na rua: Elaine, Deolinda, Isabelle (no alto) e Ierê Papá



Ventura Profana dando um recadão



Nice, Melke, Zazá (frente), com Vale e Gil, levando estandarte PUTA CIDADAD

ATO DE RESISTÊNCIA NO KUCETA

Dois dias antes do segundo turno das eleições, Daspu fez um puta ato de resistência no encontro Kuceta PósPornografias, que põe na roda sexualidades dissidentes, corporalidades não normativas e potências de destruição do patriarcado e da cis-hetero-norma. “Foi uma #putaluta de afirmação dos corpos políticos, sexualidades dissidentes e liberdades contra qualquer forma de opressão e censura, junto com as manx travestis e putas da República e do Largo do Arouche, em São Paulo”, afirmou Elaine Bortolanza que está à frente da Daspu.

De Belo Horizonte vieram Cida Vieira, Zazá e Nice, da Guaicurus e Aprosmig. Elas carregaram estandarte com desenho da Laerte da “puta cidade” substituída pelos dizeres “PUTA CIDADAD”, para sustentar a luta das putas no contexto político tenso da eleição no Brasil juntxs na campanha do Haddad.

CONSELHEIRA COROADA

Lourdes Barreto, fundadora do movimento de prostitutas ao lado de Gabriela Leite, continua tocando o rebu! Primeiro foi o Círio de Nazaré, maior festa religiosa do mundo, em Belém do Pará. Depois, o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, em Brasília.

Foi assim.

No Círio de 2018, pela primeira vez, mulheres ativistas foram coroadas. E Lourdes entre elas, claro, pelo trabalho que desenvolve no Pará há mais de três décadas. As outras foram Fafá Sobrinho, liderança indígena, e Margarida Mala, da velha guarda do samba.

“A coroação no Círio de Nazaré é um símbolo de fé e de reconhecimento e demonstração de alguém que fez muito pela sociedade. Antigamente eram coroadas mulheres de governadores, mulheres de famílias tradicionais. Este ano fomos três ativistas”, comemora Lourdes.

De acordo com Elaine Bortolanza, que acompanhou o evento, o Auto do Círio é também um movimento dos artistas da cidade. “Ligado à festa religiosa tem uma coisa muito profana, como a coroação da Lourdes feita por uma drag, num movimento de sexualidades dissidentes. Foi emocionante”.

E o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher? Também em outubro, na 53ª reunião do Conselho, Lourdes Barreto foi eleita conselheira “por notório conhecimento das questões de gênero e atuação na luta pela promoção e defesa dos direitos das mulheres”. Ela toma posse ainda em 2018.

A decisão foi celebrada pelo deputado federal Edmilson Rodrigues (PSOL-PA), do plenário da Câmara: “Querida anunciar, com muita honra, que a minha querida amiga Lourdes Barreto (...) foi aprovada para compor entre 2018 e 2021 o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. Parabéns, Lourdes Barreto”.



SAÚDE PÚBLICA E MULHER

Ainda em outubro, que mês, Lourdes Barreto (outra vez!), Soraya Simões e Laura Murray participaram na mesa Saúde Pública e a Mulher Brasileira como parte do evento 30 anos do SUS, organizado pela Escola de Magistratura do Rio de Janeiro (Emerj). A mesa ainda contava com ativistas para a saúde da mulher negra e para o direito ao aborto, e, à tarde, Amara Moira fez potente fala sobre a saúde e direitos das pessoas trans. No meio das campanhas para o segundo turno, foram momentos lindos de resistência e comemoração de tudo o que foi conquistado, e que corria (e corre agora) grande risco de ser extinto. Como disse Lourdes: “Foi muito importante na conjuntura política que estamos vivendo agora conseguir de uma forma política, de uma forma organizada, expressar o que falamos sobre a política dos Estados Unidos, sobre o Sistema Único de Saúde do Brasil, a trajetória da saúde como direito, e a constituição do SUS com duas putas [Gabriela Leite e a própria Lourdes Barreto] que estavam presentes no Ministério de Saúde fomentando políticas públicas”.

MOÇAMBIQUE EM AÇÃO

Betania Santos, da Associação Mulheres Guerreiras, está assessorando a criação de uma plataforma de prostitutas em Moçambique. Esteve no país em outubro para conhecer e trocar ideias com colegas do coletivo Tiyane Vavasate (Mulheres, fortaleçam-se), de Maputo, e de mais oito dos 11 estados do país que estão engajadas na construção do movimento. Todas queriam conhecer nossa Beta, que falou da sua militância nas Mulheres Guerreiras e na Rede Brasileira de Prostitutas, e deixou uma “janela aberta para elas virem ao Brasil”. Segundo Betania, em Moçambique “muitas mulheres ainda estão com medo, se escondendo por causa da família, do governo, as que já deram cara à tapa e sofreram têm medo”. Entre os problemas enfrentados pelas prostitutas no país africano, onde a prostituição não é ilegal, está a violência e o abuso por parte de agentes da polícia, obrigando mulheres a lavar banheiros e a fazer sexo com eles, um escândalo, como denunciado nesta reportagem! (https://www.youtube.com/watch?v=K21fHUy_TIc). Por isso, Tiyane Vavasate, que desde 2011 adota a Carta de Princípios da Rede Brasileira de Prostitutas, tem ativistas atuando junto à polícia, num trabalho de educação contra a violência. Sucesso às colegas! Vamos à luta!

DIREITOS IGUAIS PARA MIGRANTES

Tampep, a Rede Europeia pela Promoção dos Direitos e da Saúde de Trabalhadores do Sexo Migrantes, foi reestruturada e é hoje uma plataforma política que luta pelos direitos humanos de todos os trabalhadores do sexo migrantes na Europa. Entre 1993 e 2014, Tampep desenvolveu diferentes projetos relacionados a saúde, migração, direitos humanos, mediação cultural e educação de pares em quase 30 países europeus, incluindo Rússia e Ucrânia. Além de trabalho de base, produziu várias publicações, como relatórios, livros e manuais, analisando as condições de vida e trabalho, e os direitos de trabalhadores do sexo migrantes na Europa. Em 2015, as fundadoras de Tampep, depois de 22 anos de trabalho, entregaram

esse legado político e histórico a prostitutas migrantes. Hoje, Tampep tem uma diretoria e uma coordenadora que trabalham ou já trabalharam na prostituição, todas elas com um passado de migração. As fundadoras têm nesta nova estrutura o papel de consultoras. Tampep tem hoje sede em Helsinque, na Finlândia, sob a organização Pro-Tukipiste. (Veronica Munk, tampep.germany@gmail.com; site: www.tampep.eu)



AQUI VOCÊ VÊ

A exposição *O que você não vê: A prostituição vista por nós mesmas* iluminou a antessala do salão nobre do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ) de 14 de junho a 30 de julho de 2018. Um Puta Dei abriu a temporada da exposição com a presença ilustre de Lourdes Barreto (olha ela aí), na roda de conversa junto com Indianare Siqueira, Naomi Savage e as fotógrafas da exibição. Encerrou o evento o seminário internacional Sex Games: O Impacto dos Megaeventos Esportivos nas Paisagens do Sexo no Brasil, com convidadas internacionais e parceiros do Observatório da Prostituição, além de um leilão de fotos da exposição. A foto acima é de Bete Guedes, uma das fotógrafas da exposição e palestrante do seminário Sex Games.

Em diversas das suas colunas, Gabriela Leite se referiu ao *Beijo*. Ora exultante, incentivadora, reflexiva, alguma vez crítica e até muito braba. Pois sim, que foi capaz de reclamar publicamente do próprio jornal que fundou. Com vocês, o *Beijo da rua* por Gabriela Leite.

Finalmente conseguimos editar o nosso jornal!!!! (...) Esse era um grande sonho que eu tinha. Desde os áureos tempos em que surgiu nas bancas de jornal O Lampião que eu imaginava o movimento de prostitutas tendo um jornal, onde se pudessem discutir todas as questões que dizem respeito a nossa amada-maldita marginalia.

Coluna da Gabi, edição n. 0, dezembro 1988

Estou feliz! Publicamos o número 1 do Beijo da rua. Mais uma vez sentiremos a emoção de ver nosso querido jornal sair prontinho das máquinas da gráfica, com o gostinho de Poder que representa um veículo de comunicação.

Edição n. 1, abril/maio 1989

Queridos leitores, cá estou eu outra vez sem inspiração para escrever a minha coluna e, dessa vez, a desculpa não é a frieza da Europa e sim a minha total incapacidade de escrever com data e hora certas. Devo confessar-lhes que o exército de brancaleone está cada vez mais entusiasmado com o jornal, mas eu sou a

responsável pelo atraso na edição deste número.

Edição n.3, ano I, outubro/novembro 1989.

Sou apaixonada pelo meu trabalho, pelo Beijo da rua e por tudo o que temos conseguido elaborar com relação ao mundo marginal.

Edição n.5, ano II, 1990

Pude também ter a felicidade de tornar coletivo um outro sonho, o Beijo da rua, e daí eu, Flavio, Cecilia, Marília, Tania, Zé Raimundo e Alba choramos juntos quando o primeiro número ficou pronto, e a partir deste primeiro choro longos papos, longos choros e muito chope entre eu e Flavio sonhando o futuro do nosso jornal.

Edição n.6, ano II, 1990

O Beijo da rua (...) é um jornal contra qualquer gueto e aposta na diversidade e complexidade cultural do Brasil, ou, como disse Manuel Bandeira: “Todos os ritmos, sobretudo os inumeráveis...”

Edição n.11, ano III, 1991

Estou escrevendo esta coluna triste e com uma imensa raiva! Portanto, não preciso nem falar da minha falta de inspiração. Não há inspiração que resista a um atraso de dois meses e meio entre o Beijo nº 6 e

o que finalmente está saindo com esta coluna, ou seja o 7. (...) Dizem que roupa suja se lava em casa mas como sou uma apaixonada mais ou menos contida não consigo escrever sem citar esse imenso fato. Compartilho com vocês, bravos leitores, a raiva e estranheza que com certeza estão sentindo por ainda não terem recebido o tão mal-fadado nº 7 desse meu (quem sabe nosso?) querido pasquim.

Ano III, n.7, 1991

Quando começamos o Beijo, decidimos que minha coluna não iria funcionar estilo editorial careta de jornal de grande imprensa; como também não iríamos fazer um periódico tipo “prostituta unida jamais será vencida”. Optamos por um tipo de jornalismo que procurava e procura retratar o cotidiano, os momentos simples, o não-dito, o individual... Sempre acreditando que é a partir das contradições e certezas do eu que surgem os muitos códigos culturais, com os quais convivemos dia-a-dia sem conseguir identificá-los e fundamentalmente respeitá-los. (...) Não gostamos de guetos, e quem já viveu no gueto ou pelo menos imagina o que seja, sabe do que estamos falando quando escrevemos com todas as letras maiúsculas, em negrito e destacado: NÃO AO GUETO! E foi com essa filosofia que pensamos o Beijo da rua: a partir da prostituta (universo conhecido e vivido desta que vos escreve), escrever, entrevistar, conhecer o povo da rua.

Ano III, n. 8, 1991

Nunca escrevo esta coluna antes do Beijo da rua ficar totalmente pronto. Por uma questão de jeito de ser, somente escrevo sob pressão; quando o jornal está quase indo para a gráfica é que me sento em frente à máquina de escrever. Só que, como nada é igual na vida e como a rotina é uma forma muito careta que temos para nos aprisionar, mais do que já o

somos, me rebelo contra minha própria rotina e escrevo sem ainda saber no todo (em parte sei) como será a cara do nosso pasquim de número 9. (...) De repente, no meio de uma vida precária – trabalho rotineiro, palestras tão rotineiras que vou a elas sabendo o que vão me perguntar, viagens rotineiras, cervejas rotineiras e até questões de pauta do Beijo da rua rotineiras –, eis que surge na minha frente (quem sabe em comemoração aos meus 40 anos) uma nova grande paixão. (...) Não surge, explode! Então, como viver é milagroso: revivo a partir da grande felicidade que é estar em estado de paixão. Perante a precariedade, a força total da vida!

Ano III, n.9, 1991

O novo Beijo da rua está muito mais cheio de vida e portanto muito mais direto que no último número, editado ano passado. Sabem por quê? (...) Como Florentino Ariza e Fermína Daza – d’O amor nos tempos do cólera, de Gabriel García Marquez, nós hasteamos a bandeira amarela do cólera no mastro do nosso barco e começamos outra vez a descer e subir o rio infectado pelo vírus do sonho e da poesia.

Edição n.13, 1993, a primeira ser publicada pelo coletivo Davida, após o título ser transferido da organização que editava o jornal anteriormente



Jornal ganhou nome da fundadora na edição em sua homenagem

